



7ª EDIÇÃO



CC 2026

UPILE REVISTA

NOSSOS SERVIÇOS

**COBERTURA DE EVENTOS
CULTURAIS;**

**AGÊNCIA DE PUBLICIDADE;
BRANDING E PRODUÇÃO DE
CONTEÚDOS;**

**ASSESSORIA DE
COMUNICAÇÃO E
MARKETING
(INSTITUCIONAL OU
PESSOAL).**



Moçambique – Lichinga
+258 842653521/840565540
revistauphile0055@gmail.com
www.revistaupile.com



"Pão, paz, terra, liberdade, independência nacional." Samora Machel

FICHA TÉCNICA

Propriedade: REVISTA & EDITORA UPILE ,LDA

Edição: 7ª Edição

Local de Publicação: Lichinga/Niassa

Redação:

- Artimisa J. Tivane Mucavele
- Ana André Mitawa
- Benefiel Bonga
- Jonito Janeiro

Revisão: Geraldina Paia Gueze

Editora: Revista Upile

Arranjo Gráfico: Bilay Luís Tomás

Fotografia: Revista Upile

Periodicidade: Mensal

Impressão: Melo Jr Service

Exemplares: 40

Número de Páginas: 54

Ano: 2026

SUMÁRIO



NOTÍCIAS

08



ENTREVISTA

14



OPINIÃO

23



COLUNA

36



DEVANEIOS

41



ENTRE – VERSOS

44



MINHA BIO

47



TURISMO & LAZER

26

Caros leitores

A viagem pela 7ª edição da Revista Upile faz um espelho de cada momento importante da cultura. Não esgota todas as ocorrências nas suas páginas, mas busca a realidade em detalhes para muitos insignificantes.

Com a chegada de Junho, na Upile, o sol brilhou tanto que as reflexões estiveram em torno da construção do Estado Moçambicano, porém as raízes e a exaltação da tradição com o Régulo Chiuaula lembram a essência das lideranças tradicionais em Moçambique, caso específico de Lichinga. Na homenagem, o embondeiro da cultura de Niassa, Feliciano dos Santos, cujo nome há muito reclamava cores da Upile, foi outro destaque da edição.

Essa foi a forma que encontramos para celebrar Moçambique na sua diversidade, reconhecendo as nossas limitações, que ainda assim não superam os nossos sonhos. Por isso, continuar a inspirar e dar voz aos esquecidos faz-nos mensageiros numa Era sem muito espaço para a tradição.

Terminamos a peregrinação das letras por volta de Junho, cientes de que podíamos ter feito mais. Contudo, na nossa condição, oferecemos estas estórias em viagens literárias que superam barreiras. Aos nossos seguidores, os mais sinceros agradecimentos por continuarem fiéis à causa e por permanecerem ancorados a nós apesar da tempestade em meio à tempestade. Mais do que nós, cada um de vocês é responsável para que a Upile cresça e chegue mais longe. Não deixe de escrever para nós sugerindo, comentando e engajando: prometemos eternizar cada contributo.

Um obrigado de todos os géneros literários, como somos.



NOTÍCIAS

SANGA DE MÃOS DADAS COM A EXCURSÃO DOS 23 DEDOS DA LITERATURA EM NIASA



Sanga vestiu-se de literatura para celebrar os 23 anos do Clube de Escritores, Poetas e Amigos de Niassa (CEPAN), numa jornada onde a palavra foi ponte entre a memória, a cultura e a esperança.

A excursão literária à futura cidade de Wanango, realizada no dia 29 de Junho, foi um daqueles momentos raros em que a literatura deixou as páginas dos livros para caminhar pelas estradas da história, respirar o ar das montanhas e ouvir as vozes de um povo. Em celebração dos 23 anos do CEPAN, escritores, poetas, estudantes, autoridades e amantes das letras reuniram-se numa verdadeira peregrinação cultural, transformando o distrito de Sanga num território onde cada passo contava uma história e cada palavra florescia como semente de futuro.



A jornada iniciou com visitas guiadas aos locais históricos da futura cidade de Wanango, às instalações da UniLúrio e aos Locais Históricos do distrito, lugares onde o silêncio guarda nomes, memórias e capítulos fundamentais da identidade local. Percorrer aqueles espaços foi compreender que a história não vive apenas nos livros: ela permanece gravada na terra, nas pedras, nas árvores e na lembrança de quem continua a honrá-la.

A Escola Secundária 4 de Outubro de Malulu transformou-se no coração pulsante da celebração. Entre exposições de livros e quadros, oficinas literárias e momentos de diálogo, a criatividade revelou-se em múltiplas formas de expressão. Um dos instantes mais marcantes foi o concurso de poesia, que despertou talento, emoção e sensibilidade entre os participantes. Três jovens foram distinguidos pelas suas declamações e receberam como prémio livros autografados das mãos dos próprios autores/escritores: Edgar Magalhães e Arnaldo Sondiua, gesto que ultrapassou o valor material da recompensa para se tornar símbolo da continuidade da criação literária e do incentivo às novas gerações.

Num acto igualmente significativo, diversos livros foram oferecidos à biblioteca da UniLúrio e biblioteca da escola, fortalecendo o compromisso colectivo com o acesso ao conhecimento e com a formação de novos leitores. Cada exemplar entregue representou uma promessa silenciosa de que outras histórias ainda nascerão das mãos daqueles que hoje descobrem, na leitura, um caminho para transformar o mundo.

PEDIDO DE APOIO

APOIE UM SONHO, INCENTIVE UM TALENTO!



Apoie o sonho de
SERAFIM
ORLANDO FIGUEIREDO

Selecioneado para representar a nossa comunidade num importante concurso organizado pela

KINGS OF MOZAMBIQUE,
que terá lugar na
PROVÍNCIA DE INHAMBANE.

PRECISAMOS DO SEU APOIO PARA:



TRANSPORTE



VESTUÁRIO PARA
APRESENTAÇÃO

A sua contribuição fará toda a diferença!

COMO APOIAR



876157012

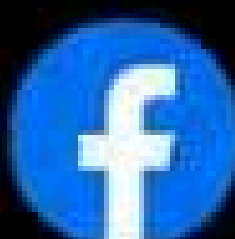
Atália Conceição
Miandica



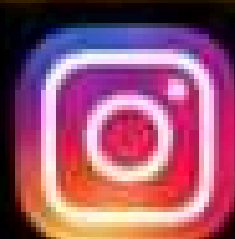
845343401

Serafim Orlando
Figueiredo

REDES SOCIAIS



Facebook:
Herden serafim



Instagram:
Serafim orlando

Juntos transformamos sonhos em conquistas!

O SEU APOIO É O PASSO QUE FALTA
PARA LEVAR O NOME DA NOSSA COMUNIDADE
MAIS LONGE!



*Obrigado pelo
seu apoio! ♥*



As palavras também ecoaram através das intervenções que enriqueceram o encontro. A voz firme e inspiradora da poetisa e escritora, Pré- Destinada recordou que a literatura é instrumento de liberdade e construção da consciência. O escritor Cê-Ndogo, com a profundidade que caracteriza a sua obra, desafiou os presentes a preservarem a identidade cultural através da escrita, lembrando que um povo que escreve a sua história nunca permite que ela seja esquecida. Já a Administradora do distrito de Sanga e poetisa, Catija Afonso, que largou os vocativos entre outras formalidades, e acolheu os participantes reafirmando que investir na cultura é investir no desenvolvimento humano, defendendo que a poesia continua a ser uma das formas mais belas de aproximar comunidades e fortalecer a cidadania.



A presença do escritor Lino Eustáquio, como convidado de honra, e do orador Arnaldo S. Jastene, juntamente com tantos outros fazedores da palavra, tornou a celebração ainda mais rica, demonstrando que a literatura permanece viva sempre que encontra leitores, ouvintes e sonhadores dispostos a carregá-la para além das fronteiras do papel.



Quando o encontro chegou ao fim, ninguém regressou exactamente igual. Ficaram livros nas mãos, memórias no coração, novos sonhos nos olhos e a certeza de que a literatura continua a ser uma das formas mais humanas de construir pontes entre o passado e o futuro. Em Sanga, durante um dia inteiro, as palavras não apenas foram lidas: elas caminharam, emocionaram, ensinaram e fizeram florescer a esperança. Afinal, como lembrava o lema da celebração, "leio para não adoecer". E naquele encontro, ler foi também um acto de pertencimento, de resistência e de amor por Niassa.

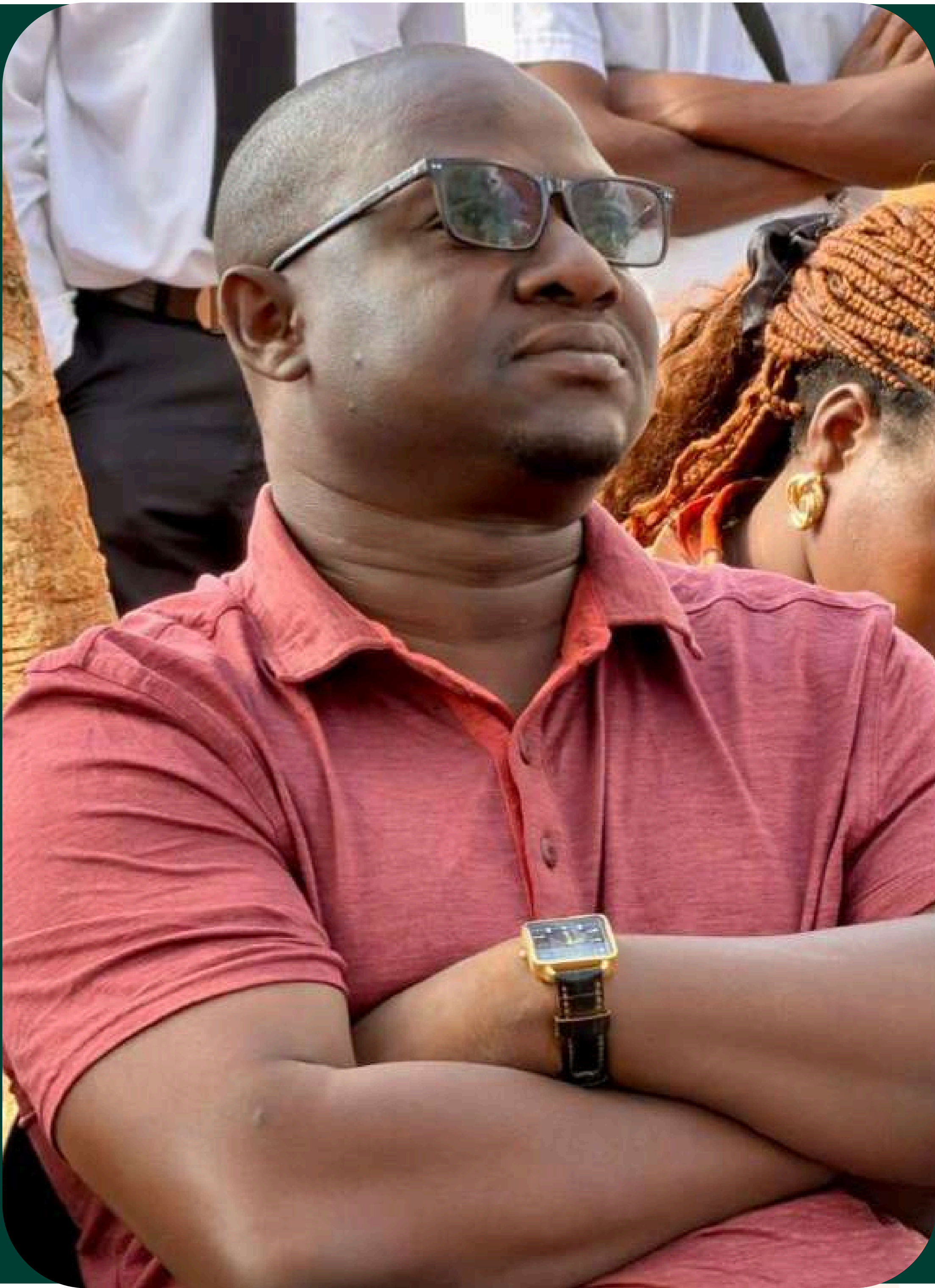




ENTREVISTA

"SER ESCRITOR EM MOÇAMBIQUE PRECISA DE CORAGEM"

LINO EUSTÁQUIO



A literatura moçambicana continua a revelar vozes que se destacam pelo compromisso com a promoção da leitura e da escrita, sobretudo pelos mais novos. Nessa maratona de peregrinações, vários escritores escalam montanhas a busca de inspiração. Vezes há em que a busca carrega o fardo da salvação ou da cura de uma alma cuja paz reside apenas na escrita. Seja pelo solo pátrio ou pelos cantos do mundo.

Lino Eustáquio, escritor, poeta, empresário na área da comunicação e um dos nomes que mais tem trabalhado na formação de novos talentos literários, também na satisfação e na paixão escalou territórios onde sorrisos transbordam e nos livros falam mais do que se escreve.

Em Niassa, numa jornada rica de significados, Lino Eustáquio, viajou sobre os limites do imaginário e ainda se deu luxo de roçar a terra e o carinho de locais onde a literatura brota e conquista cada vez mais espaço. Em Mandimba, na voz e inocência de cada criança nas escolas, experimentou o calor e carinho de quem apesar das limitações ainda ousa sonhar em escrever.

Anúncios e Apoios: 840565540/870291651

À REVISTA UPILE, durante a sua passagem pela província do Niassa, o homem das letras, falou sobre a sua trajectória, os desafios da literatura em Moçambique, as conquistas alcançadas ao longo da carreira e a esperança que deposita na nova geração de escritores. Mais do que escritor, Lino Eustáquio é um dinamizador da literatura. É fundador do movimento "Biblioteca que Anda", mentor do projecto "Livros da Beira", secretário-geral da Associação Aliança Jovem para Escrita e autor de dez obras publicadas, entre poesia, romance e auto-ajuda.

Durante a conversa, explicou que sempre procurou criar oportunidades para jovens escritores desenvolverem o seu talento e encontrarem espaço no universo literário. Segundo o escritor, a paixão pela escrita nasceu em 2003, motivada pela leitura das obras do saudoso escritor José Craveirinha. Mais tarde, encontrou igualmente inspiração na produção literária de Mia Couto.

Apesar de escrever desde cedo, apenas em 2018 conseguiu publicar a sua primeira obra, iniciando oficialmente uma carreira que hoje perfaz uma dezena de livros. Ao recordar esse percurso, Lino Eustáquio demonstrou gratidão pelas referências literárias que influenciaram a sua formação como escritor.

O homem de tracto fácil e viajante de sorriso pago pelas letras, considera a maior conquista da sua carreira, o reconhecimento internacional. "A minha maior conquista foi escrever e ser reconhecido no Brasil, sobretudo pelo feedback construtivo que recebi."

Para o escritor, o reconhecimento obtido fora de Moçambique representa a confirmação de que a literatura produzida no país possui qualidade suficiente para alcançar leitores de diferentes culturas.

Num mar de experiências vividas, umas transbordam sobre outras, e entre as que não encontram sossego no copo, conta um episódio particularmente especial. Lino Eustáquio, recorda com emoção o momento em que ajudou uma escritora da província de Inhambane a publicar a sua primeira obra. Também destacou a participação num evento literário que reuniu escritores de Angola, Brasil e Moçambique, experiência que considera um dos pontos altos da sua caminhada.

"Ser escritor em Moçambique precisa de coragem."

O autor de dois palmos de obras, ao abordar as dificuldades enfrentadas pelos escritores, apesar de longos pergaminhos, reconhece que viver exclusivamente da literatura em Moçambique continua uma miragem e sustenta:

"Não se ganha tanto dinheiro como se pensa na literatura, por isso quem escreve para ganhar dinheiro em Moçambique, melhor desistir. Ser escritor em Moçambique precisa de coragem."

Segundo explicou, as limitações do mercado editorial, os elevados custos de publicação e a reduzida valorização da leitura, obrigam os autores a manterem firmeza e dedicação. Ainda assim, se não fosse escritor, não hesitaria em escolher a escrita, o que demonstra por si só a profunda ligação que mantém com a literatura, encarando-a não apenas como profissão, mas como uma verdadeira vocação.

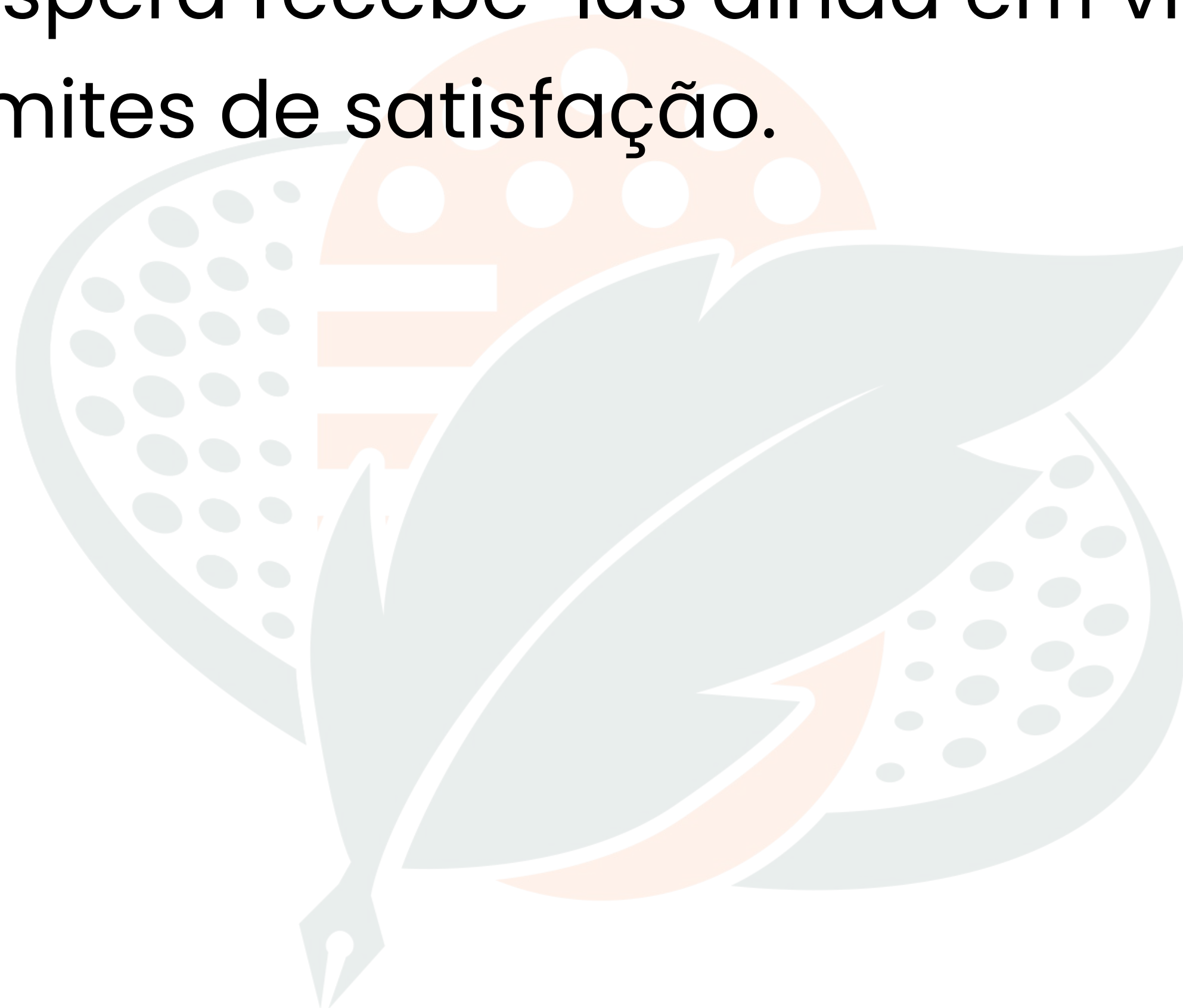
No seu périplo em Niassa, onde participou de diversas actividades literárias, Lino Eustáquio mostrou-se satisfeito com o que encontrou.

Sentencia um futuro promissor ao movimento literário da província, onde testemunhou de perto a vontade e gosto pela literatura em Mandimba, e na excursão ao distrito de Sanga, no âmbito de celebração dos 23 anos do Clube dos Escritores, Poetas, Amigos de Niassa.

Aos mais jovens que desejam seguir a carreira literária, deixou uma mensagem simples, mas carregada de significado:

"Não desistam."

Para o escritor, a persistência continua a ser o principal ingrediente para quem pretende construir uma carreira sólida na literatura. E conclui afirmando que gostaria de ser lembrado como um escritor capaz de transformar vidas através da escrita e porque as flores não cuidadas murcham, espera recebê-las ainda em vida para regá-las e desfrutar delas sem limites de satisfação.



RÉGULO CHIUULA: DAS ORIGENS DO NOME "CHIUULA" À TRADIÇÃO DE SUCESSÃO DO TRONO

Das terras do Planalto de Lichinga, Jone Ajal, Regulo Chiuula, uma autoridade tradicional de primeiro escalão, que apesar disso, supera qualquer insígnia ou adornos tradicionais. Dono do trono desde Novembro de 1990, o Regulo Chiuula pertence à família Ce'Makuwi.

O Régulo Chiuula, explicou que o nome Chiuula nasceu quando Wantete, sobrinho de Ce'Makuwi e caçador, regressou sem caça, acusando o tio de feitiçaria e queimou-o vivo. Depois exclamou: "Na'wawile a Njomba", expressão em Ciyao que significa "Queimei o meu tio". Desde então passou a ser conhecido por Chiuula, palavra associada a 'queimar'. O primeiro Chiuula tornou-se líder da comunidade de Metonha e o seu prestígio expandiu-se para outras regiões. Após a sua morte, outros líderes deram continuidade ao legado até chegar ao quinto Chiuula, Jone Ajal.



O actual dono do trono de Chiuula fala da sucessão e faz uma antevisão nostálgica "Após a minha morte, quem irá substituir-me será meu sobrinho, filho da minha irmã". Explicou que a escolha só é oficial depois da morte do líder. Embora a família conheça o sucessor, este não deve saber previamente, para evitar conflitos. Um anel e uma pulseira são transmitidos de líder para líder, assim tem sido desde o Chiuula I.

Chiuacula V fala de limites que supera a geografia, não conhecem linhas imaginárias e habitam em fronteiras surreais. Cada ponto fronteiriço respira tradição e poder, desde a via Majune que esbarra se com o Régulo Matola e a Rainha Atchivanjila, separados pelo rio Likuwi; na via Mandimba limita com o rio Chirenje; enquanto na Nova Guarda confronta com Luambala, do regulado Katuri; via Sanga termina em Nkonda; e faz ainda fronteira com o Malawi através do povoado de Chala.



"Todos os régulos e chefes tradicionais de Lichinga são submissos a mim. Estou acima de todos eles em termos de poder territorial.", declarou o Regulo Chiuacula V.

Na sua fala simples, mas carregada de peso de história, explicou que os régulos Lulimile, Mussa, Massengere, entre outros, pertencem ao segundo e terceiro escalões.

O líder fala de uma convivência pacífica com o Governo, que na sua opinião respeita a autoridade tradicional e trabalha em parceria. Contudo, com tempo, a magnitude do Chiuacula despertou cobiça e perseguições, resultando nas tentativas de usurpação do nome por indivíduos que se apresentam falsamente como Chiuacula. Também revelou preocupações familiares devido ao pouco tempo disponível desde que assumiu, o que o coloca distante da família nuclear.

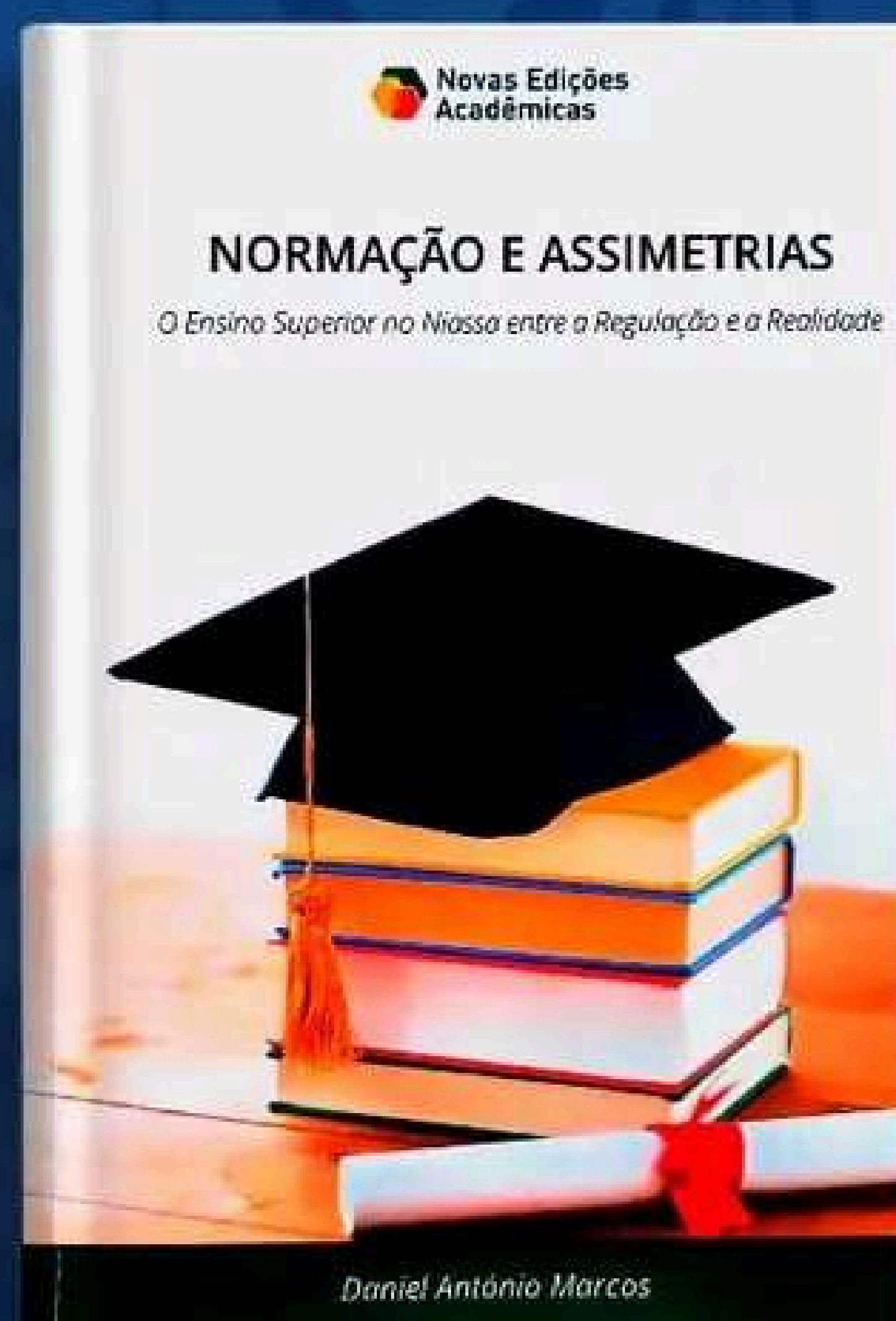
Para o Chiuacula V, o desenvolvimento de Lichinga mede-se por existência de mais pessoas, mais infra-estruturas, mais estradas e muito bem-estar. Ainda, acrescentou que este crescimento permite o surgimento de novos regulados e manifestou o desejo de ver os jovens a desenvolver o país e a se manifestar nas diversas formas de expressão.

No final, Jone Ajal, Régulo Chiuacula V, agradeceu ao Governo pelo apoio constante aos líderes tradicionais e líder revelou-se profundamente ligado à história do seu povo, preocupado com a preservação das tradições e confiante de que o desenvolvimento económico, social e humano poderá fortalecer Lichinga sem perder a sua identidade cultural.



O Niassa não é um caso **Problema.** É um teste de stress ao ensino superior **Moçambicano**

Lançamento do livro do autor: **Daniel António Marcos**



**Niassa: entre a Regulação e a Realidade. Um livro
que revela os desafios do Ensino Superior na nossa Província**



03 DE JULHO DE 2026 – 15:00H
AUDITORIO DOM ELIO DA UCM - LICHINGA

ENTRADAS GRATUITAS: EXEMPLARES DISPONIVEIS

+INFORMAÇÕES: +258 84 274 9898 - 87 806 3763

APOIO:

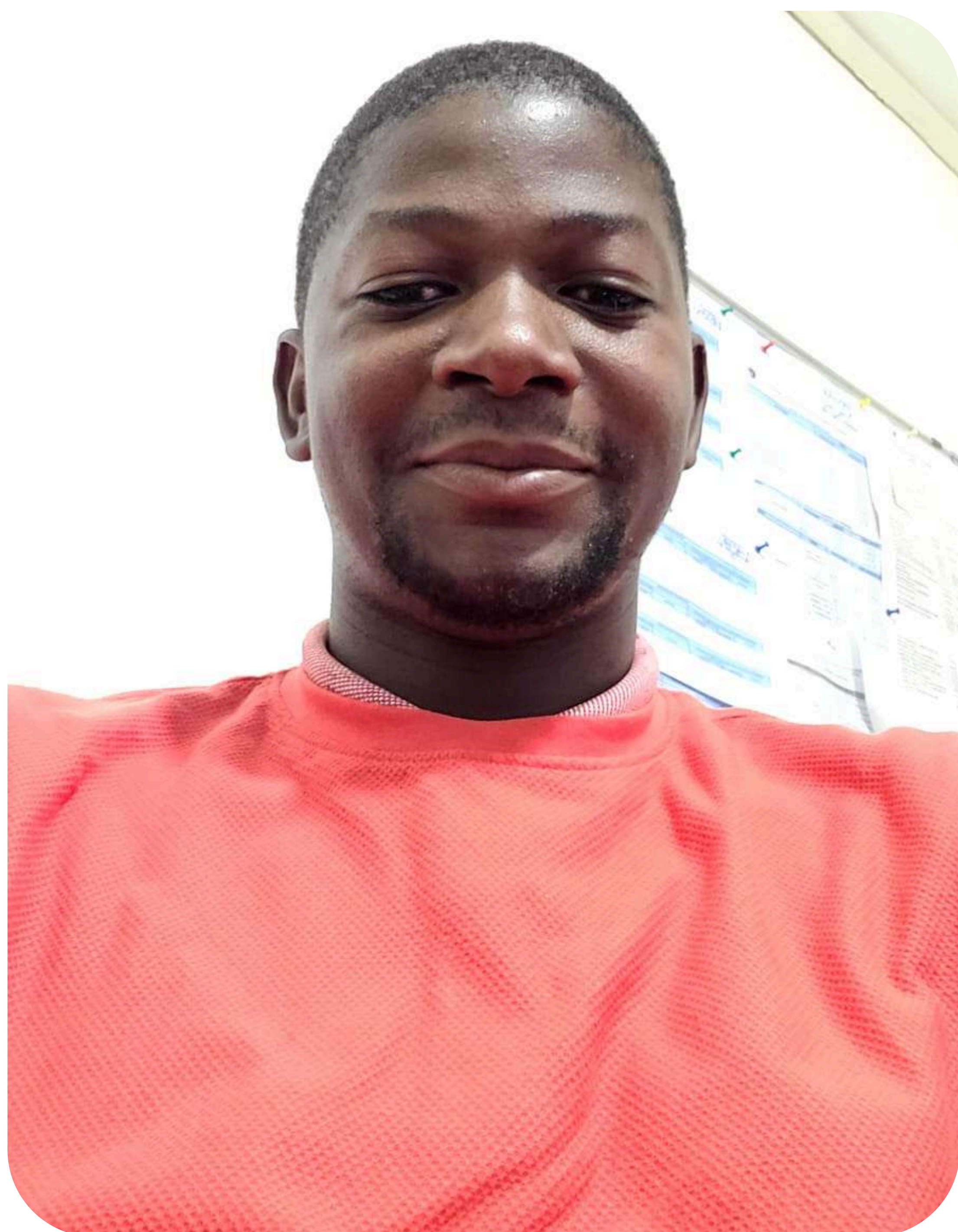




OPINIÃO

A INFLUENCIA DAS ARTES NA CONSTRUÇÃO DO ESTADO MOÇAMBICANO

Arnaldo Ângelo Sondiua



A arte é, geralmente, vista como um conjunto de regras ou preceitos que conduzem o homem ao bem-fazer ou dizer qualquer coisa. A arte pode ser também uma habilidade, um talento ou faculdade que leva o ser humano a expressão de si mesmo por meio e do que vê a sua volta por meio de representações. A arte não se resume numa única realidade: ela inclui várias realidades como a poesia, a música, a pintura, a escultura, a arte plástica, as danças, o teatro e muito mais.

Desde a antiguidade, as artes exerceram uma sublime influência no mundo social, pois por meio delas o homem sempre conseguiu, de várias maneiras, comunicar-se e relacionar-se com os outros. Em toda a história da humanidade, a arte desempenha, resumidamente as seguintes funções: a comunicação, a expressão de si, a contemplação do belo, a representação, o entretenimento, a educação, entre outras.

Em Moçambique, a arte desempenhou e desempenha, até aos nossos dias, grande influencia para o homem moçambicano. Como exemplo pode-se falar aqui, de algumas realidades que confirmam o papel por elas desempenhado na vida do homem.

Anúncios e Apoios: 840565540/870291651

Nesta linha de pensamento, basta se lembrar das obras de arte de Malangatana Valente Ngwenya, da Renata Sadimba, de Naguib, do Pintor de Rua que reside no distrito de Mandimba, as obras de arte presentes em Cabo Delgado e em Niassa e as músicas de vários autores moçambicanos (Massukos, BoyLine, Rei Bravo, Machonguezi), tanto falecidos como ainda vivos.

Hoje, as artes são um grande e fiel meio de expressão da dignidade humana, pois elas contribuem de maneira positiva para a valorização e promoção humana. O que o homem sente e pensa é bem expresso pelas artes. As artes acompanham a vida do homem desde o seu nascer até ao seu último suspiro. As artes dão cor a vida, dão sentido a vida, dão a alegria de viver. Mesmo na morte, a última morada do homem é uma autêntica obra de arte.

Para que as artes se tornem um meio verdadeiro de edificação da dignidade humana, torna-se necessária uma série consciencialização e formação dos indivíduos, a fim de que a elas se dediquem e por meio delas usufruam os melhores dons que a vida é capaz de disponibilizar. Desta maneira, o homem estará a contribuir grandemente para a eterna prevalência da arte e como consequência para uma vida cheia de beleza. Mais ainda, com as artes, em contexto não só moçambicano como também em outros contextos, ajudam a valorar e construir a dignidade humana. No âmbito educativo, as artes indicam a forma mais eficaz de transmitir uma informação ou exaltar os valores humanos.

A importância das artes na actualidade, reside no facto de ela desempenhar um papel preponderante, na medida em que ajudam na transmissão da mensagem que consigo traz (na pintura, artes plásticas, cénicas, na música, na poesia).

As artes rupestres encontradas nas grutas de Manica servem até hoje de maior instrumento de expressão de si, por parte dos homens que as fizeram. Por meio delas, o homem daquele tempo transmitiu mensagens tão fortes sobre aquilo que sentia e isto ficou para a eternidade.

As danças tradicionais praticadas no Norte e no Centro de Moçambique, como o Mapico, Nyawu, Niketxe, Cindimba de Mecanhelas, Kwatxala de Marrupa, Tepete de Cuamba, Massave de Mandimba, Beni de Lichinga, M'gada do Lago e mais outras importantes danças tradicionais, serviram muito ao homem moçambicano, como instrumento de contestação da identidade e exaltação da pátria. A música e o teatro nunca ficaram de trás. Eles serviram de instrumento de contestação colonial, expressão do amor, da solidariedade, da satisfação em momentos de colheita, sucessos em momentos de guerra e outros importantes desafios.

A poesia é o outro lado das artes, que em Moçambique serviu ao homem de várias maneiras bastando lembrar-se das poesias de Noémia de Sousa, do Canto do Amor Natural de Marcelino dos Santos (Kalungano), Cê -Ndogo (Euse pátricio), Arnaldo Ângelo Sondiua, Abdul Alssides, Pré Destinada (Amélia Matavel), Bruno de Areno, as poesias de combate e mais outras poesias de vários autores moçambicanos, serviram e servem de instrumento de crítica contra a dominação do "Eu" com o "Outro", expressão de si, da cultura e do amor, a comunicação e muito mais.

A música e a pintura são também um outro instrumento de expressão cultural, do amor e de crítica contra a opressão, os maus tratos entre as famílias, o desentendimento entre casais e amigos e outras realidades.

Aqui, chega-se a concluir que todo aquele que se insere no processo das artes, deve reunir antes competências ou capacidade hermenêutica, devido a sua capital importância na transmissão de um saber. De uma outra maneira, pode-se definir as artes como coração da expressão dos sentimentos emocionais na visão da realidade, apesar da existência de outros meios a elas indispensáveis. Importa, referir que as artes na sua interpretação sejam subjectivas.

As possibilidades de crescimento individual e colectivo de uma sociedade depende muito do tipo de influências que os indivíduos dessa sociedade passam uns aos outros através das gerações. Portanto, é uma educação estruturada e com fins claros que garante ao homem uma constante maturação rumo à sua realização.

O PAPEL DA JUVENTUDE NA CONSTRUÇÃO DO ESTADO MOÇAMBICANO!

Danilo Tiago

Logo depois da independência do nosso país, alcançada em Junho de 1975 por um conjunto de jovens bravos que desafiaram o colono português, instalado nesta pérola do Índico por mais de 5 séculos, o saudoso Marechal Samora Moisés Machel, Presidente da primeira República teceu num dos mais acorridos comícios, rasgados elogios a juventude, chegando a considerar esta como “a seiva da nação”.



De facto, não se constrói um país sem o envolvimento directo da juventude. Ela é o motor de uma nação, é a esperança, a semente onde brotará o fruto para o desenvolvimento.

Nos tempos que correm, com o advento do fluxo rápido de informações, típico do mundo global em que vivemos e não sendo Moçambique uma ilha a parte, urge questionar: “qual é o papel da juventude na construção do estado moçambicano”?

Esta pergunta surge no âmbito das recentes celebrações dos 51 anos da independência de Moçambique.

E verdade seja dita, a juventude de outrora, não é a mesma da actualidade, esta actual está mais informada, detêm ferramentas que a juventude de 65 a 75 não detinha, afinal, aquela juventude dos tempos libertários, tinha como foco, a luta para vencer o jugo colonial de modo que o país que hoje se chama Moçambique fosse independente. Foram lutas árduas, noites longas, mortes e demais perdas, que culminariam com a independência declarada há 51 anos.

A juventude actual tem um papel extremamente preponderante: o de transformar Moçambique não apenas politicamente independente, mas também social e economicamente independente.

Para o alcance desse desiderato, é imprescindível que a juventude faça uso das ferramentas adquiridas nas instituições de ensino que actualmente se encontram espalhadas por este país todo. A tarefa não se afigura fácil na medida em que a crise económica mundial é uma verdade inconveniente, a polarização em todos os aspectos políticos e sociais idem. Mas é na bravura onde reside a essência da resiliência, aos jovens actuais se apela a bravura, a coragem de transformar este pedaço de África num país economicamente próspero, onde a divisão da riqueza não passe de miragem e nem seja sinónimo de divisão da nossa cada vez mais dividida classe social.

Os jovens de 65/75 foram ousados e bravos, não mediram esforços para que o país fosse resgatado das amarras do colonialismo português, cabe a juventude actual, munida de enormes ferramentas do conhecimento conduzir o país a uma independência económica. Juventude é mentalidade e nela reside a seiva da nação, a esperança do desenvolvimento deste nosso Moçambique amado.

A CEDÊNCIA DOS TEMPOS MODERNOS- A VULNERABILIDADE DA ACADEMIA E DA FÉ

Reza-se muito, pensa-se pouco!

Daniel António Marcos
Niassa, 2026



Eis o paradoxo que ecoa por estas terras do Norte, onde o sagrado se multiplica em formas e cores, mas a alma do povo parece esvair-se como a neblina sobre o Lago Niassa ao amanhecer.

Estou em Lichinga, cidade das colinas, onde os primeiros raios de sol ainda não tocaram o horizonte e já o som da mesquita atravessa a madrugada.

São cinco horas. O chamado à oração corta o silêncio como uma faca fria, acordando os fiéis e os que já não sabem se ainda são. As vozes do alto-falante espalham-se pelos bairros, misturam-se com o cacarejar das galinhas e o choro distante de uma criança que ninguém acolhe.

Mas o paradoxo não se limita a Lichinga. Ele viaja, multiplica-se, ganha contornos diferentes em cada lugar.

Desço para a Zambézia, terra verde e fértil, onde as mães entregam seus filhos menores a estranhos que cruzam as estradas.

Partem para outras regiões, outras províncias, levando na mala a promessa de um futuro que nunca chega. Os meninos e meninas tornam-se "macaiaias", "maenatos" - empregados domésticos de toda a dimensão, corpos pequenos carregando o peso de sonhos alheios.

E a expressão que ganhou eco, que se espalhou como fogo em palha seca: "Machuabo kankala burruto." Traduzo para que entendam: "Os Chuabos não ficam brutos."

Não ficam brutos porque preferem ser dóceis. Preferem servir. Preferem curvar-se antes de enfrentar. Preferem a submissão à revolta. É a alma de um povo que se verga, que se acomoda, que aceita a migração dos seus como se fosse destino, não escolha.

Em Nampula, a poligamia é lei não escrita. Os homens acumulam esposas como quem acumula títulos, e as mulheres acumulam filhos como quem acumula cruzeiros. Quantas crianças crescem com o pai ausente, dividido entre lares que se multiplicam como as mesquitas que pontilham a cidade? A fé muçulmana, tão bela na sua essência, torna-se prisão quando distorcida, quando usada para justificar o que a justiça divina nunca aprovaria.

E Chimoio... Ah, Chimoio! Cidade das igrejas que se tocam, onde o sagrado se banalizou. Templo ao lado de templo, todos prometendo salvação, todos exigindo ofertas. As mães abandonam os filhos pequenos na porta das igrejas, como quem deixa um objecto que já não serve. "Deus proverá", dizem. Mas Deus chora ao ver os seus pequeninos entregues ao acaso.

Lembro-me do senhor que caminhava pela via aberta em algum lugar deste país, ladeado por igrejas de um lado e mesquitas do outro. Perguntava aos companheiros:

— "Afinal, o que está a acontecer neste mundo?"

E o mais jovem, esse que trazia crucifixo e barbas de muçulmano, respondeu com a sabedoria dos que ainda sentem:

— "Reza-se para agradar aos olhos da organização. Reza-se para ter um bom nome quando morrer. Mas a essência da reza perdeu-se. Não testamos a nossa fé pelas adversidades do mundo."

Como dar razão a essas palavras quando vejo, com os meus próprios olhos, o que se passa?

Em Lichinga, as mulheres acordam antes do sol para as orações, mas fecham os olhos para a violência doméstica que acontece dentro dos seus quintais. E em Nampula, os homens vão à mesquita cinco vezes ao dia, mas esquecem-se de ser justos com as esposas que deixam em casa.

Na Zambézia, as mães frequentam os cultos aos domingos, mas entregam os filhos como quem entrega um empréstimo, esperando o retorno que nunca vem. "Machuabo kankala burruto." Quantas vezes ouvi esta expressão! Quantas vezes a repeti, sentindo o peso da sua verdade. Os Chuabos — esses que habitam as terras da Zambézia — não ficam brutos. Acomodam-se à subalternidade. Tornam-se servos de toda a obra, aceitam migrar, aceitam ser explorados, aceitam perder os filhos para que outros ganhem.

Em Chimoio, os pastores pregam sobre o amor, mas as crianças dormem nas ruas, à espera de uma mãe que já não volta.

E a academia, onde está?

Está nos gabinetes, nos escritórios, nos cargos que se conquistam e se perdem. Os académicos actuais acomodaram-se. Falam bem, sabem as teorias, citam os autores, mas já não buscam a verdade. Perderam a capacidade de se indignar. Perderam o dom da profecia. Preferem o silêncio cúmplice à palavra incómoda.

— "Estuda-se muito, pouco se vê o resultado do estudo."

É verdade. Quantos licenciados não sabem ler o mundo que os rodeia? Quantos doutores não enxergam a criança que chora na rua, o emigrante que parte, a mãe que abandona?

O conhecimento tornou-se mercadoria, não transformação. A fé tornou-se espectáculo, não encontro com o Transcendente. E no meio disso tudo, as crianças... essas almas que deveriam ser protegidas, que deveriam crescer em segurança, aprendendo o que é o amor e a justiça.

Mas as palavras que saem das suas bocas já não são de criança.

— "Tio, dá-me uma nota, que Deus te paga em dobro."

Meninos que já aprenderam a negociar com o sagrado. Meninas que já sabem que o corpo pode ser moeda de troca. Crianças de olhos velhos, que carregam nos rostos as marcas de uma sociedade que as abandonou.

O senhor de barbas longas e crucifixo no peito ainda insiste:

— "Hoje não há lugares que não se roubam. Rouba-se de dia, rouba-se na machamba. O mal já está em todo lado. Até os mortos não descansam em paz, os seus túmulos são vandalizados, a sua morada é subjugada pelo lixo."

Como negar? Como fechar os olhos?

A modernidade trouxe-nos muitas coisas: estradas, telemóveis, redes sociais, conhecimento acumulado. Mas trouxe também esta doença silenciosa: a cedência. A perda dos valores. A incapacidade de resistir. Reza-se muito. Pensa-se pouco.

Estuda-se muito. Conhece-se pouco.

O sagrado e o profano confundem-se. A academia e a fé diluem-se. E as crianças pagam o preço.

Neste Niassa onde escrevo, o sol começa a pôr-se sobre o lago. As águas reflectem as cores do crepúsculo, e por um instante tudo parece calmo. Mas o coração aperta-se ao lembrar que, mesmo aqui, as mesquitas chamam os fiéis, as igrejas abrem as portas, e as mães continuam a abandonar os filhos.

E nós, que olhamos de fora, que escrevemos estas crónicas, que tentamos compreender o paradoxo da nossa época. — Nós também estamos a ceder?

Talvez a pergunta não seja o que está a acontecer no mundo, mas o que estamos a fazer para que o mundo mude.

Talvez a resposta esteja em rezar menos e pensar mais. Em estudar mais e acomodar-nos menos. Em sermos brutos o suficiente para não aceitar a injustiça. Em protegermos as crianças para que elas possam voltar a ser crianças.

O vento sopra sobre o Niassa, trazendo o cheiro da terra molhada. Lá longe, o som da mesquita ecoa pelas cinco horas. Noutro lugar, uma igreja abre as suas portas. Uma mãe hesita, segurando o filho pela mão.

O que acontecerá com essa criança?

A resposta está nas mãos de todos nós. Nas mãos da academia que forma e da fé que ilumina. Nas mãos de uma sociedade que ainda pode escolher entre a cedência e a resistência.

Porque, no fim, não se trata apenas de rezar ou estudar. Trata-se de ser humano. Trata-se de não deixar que o mundo moderno nos arranque a alma.

"Manchuabo kankala burrito."

Talvez seja tempo de ficarmos brutos. Brutos contra a injustiça. Brutos contra o abandono. Brutos contra a hipocrisia. Brutos para que as crianças possam, finalmente, voltar a ser crianças.



COLUNA

DJANDO

BULAERY/BULAESE



O homem, depois de muito falhar, teve que se domesticar para que a sua condição de vida e a relação com os outros melhorasse, de lá para cá, vários modelos de ensino, surgem a cada dia, como forma de tornar ainda melhor a sua vida na relação com os outros, aqui na terra. E porque se divinizavam as riquezas, o homem, inventou as chamadas escolas de Coaching e/ou de educação financeira.

Com tempo, expressões como "todos podemos ser ricos, basta seguir algumas regras" tronaram-se pão de cada dia. A pergunta "como se tornar rico começando do zero?" tornou-se recorrente, embora exemplos do género residem numa linha de tempo que dura gerações, bem antes do surgimento das famigeradas escolas "Coachs e/ou de educação financeira. Há quem ficou rico, por fazer um pequeno comércio informal, poupar e se tornar grande empresário.

Nos dias que correm, temos muitos jovens, homens e mulheres que, logo pela manhã, abandonam o conforto dos lares, para ir "picular" (comprar por atacado traduzido da língua Ciyao), legumes e/ou frutas nas zonas baixas, para depois revender no informal, em vários mercados da cidade como por exemplo, o Central, Chiuaula, Namacula, Sanjala, Massengere, Changanane e vários outros.

Característica comum destes jovens, sobretudo senhoras que vendem vegetais, legumes e frutas nos mercados da cidade, nunca foram ou participaram em um curso de Marketing, coaching e/ou educação financeira. Curioso ainda, é que assim que um potencial cliente chega, antes, começa-se por ouvir uma breve publicidade, desde o olhar, a localização da banca, o preço "cinco cinco, dez dez, vinte...cada lugar", como se elas conhecessem bem as regras de marketing, não por frequentar uma escola de negócios ou coaching, mas sim, pela prática, a dita experiência que muito se repete como requisito nos anúncios que oferecem vagas de trabalho no sector formal.

Num destes dias, quando cruzei caminho de uma jovem senhora, num dos mercados da cidade, depois que adquiri tomate, Bulaery ou Bulaese – ouvi da boca daquela jovem senhora enquanto colocava na minha sacola uma quantidade considerável de tomate, tirado da bacia, aí por baixo da sua banca. Bulaery significa bacela, desde aquele dia, sempre que vou à compra de tomate e/ou outros vegetais no mercado de Namacula, procuro por ela, aquela mesma senhora para receber, mais uma vez Bulaery. Ela soube conquistar o meu coração com a cara de alegria com que atende os seus clientes. Sim, não se dá Bulaery apenas em produto que se acrescenta depois da compra, dá-se também, antes, na forma de saber ser e estar, aquela fórmula, que se ensina nas escolas de administração, no saber interagir com o cliente, no respeito e na amizade que se cria.

Bulaery tornou-se normal, moda, chamariz nos mercados informais, até, no comércio formal, as lojas, também dão Bulaery em forma de descontos. As mamãs do mercado, sim, são ricas, mesmo sem frequentar a escola “como se tornar rico começando do zero?”, não são ricas em bens materiais, são ricas em saber fazer, ser e estar, fruto da acumulação diária desta atitude, oferecida a cada cliente.

No entanto, nota-se inversão de papéis quando se trata de servidores públicos – utentes, os servidores públicos, não dão Bulaery, eles querem Bulaery, vindo dos utentes, pessoas que eles juraram servir, devem dá-los Bulaery, uma autêntica controvérsia, eles não dão, pedem Bulaery para servir, o famoso refresco, há quem mudou de nome, já não é refresco, é chocolate ou crédito.

Em tempos idos, aqui na cidade de Lichinga, havia uma bomba de combustíveis que, depois de um número tal de abastecimentos, oferecia uma senha de atribuição de uns cinco, dez, ou mais litros de combustível como Bulaery. Com a actual crise dos combustíveis, já não há esse tipo de Bulaery de vendedor para com o cliente, muito menos, Bulaery em forma de carinho, o cliente, deve implorar ao gerente, ao frentista, popularmente chamado bombeiro nos nossos encantos linguísticos ou o segurança, para ter alguns litros no seu meio circulante, o cliente é que deve dar Bulaery ao vendedor de combustíveis, nos dias que ele decide não vender o combustível ou quando depois de longas horas de espera numa fila, ouvir, já paramos as vendas, continuaremos amanhã, as sete, sete que pode se estender para catorze.

Não sei em que escola se aprende essa inversão de papeis, utente dar Bulaery, mas, virou moda e, de certeza, esta nova onda de dar Bulaery ao servidor público, ao vendedor dos combustíveis, etc etc, não é a mesma a das senhoras do mercado Central, Chiuaula, Namacula, Massengere, Sanjala..., é melhor que essas senhoras, não ousem ir estudar essa nova forma de “Marketing” que, repito, não sei em que escola se ensina, porém, nos tira o poder de compra e/ou de usufruto dos serviços prestados que de princípio, pagamos por eles nos impostos, fura-nos, rasga ainda mais o bolso a ponto de nem tijolo, lá parar.

"Se pudéssemos aprender as regras de Bulaery com as mães, nos mercados – Central, Chiuula, Namacula, Massengere, Sanjala..., talvez, a relação, com os outros, clientes e utentes do serviço público, já fracassada, melhoraria.



DEVANEIOS

O TESOURO EM POLEGADAS: A DANÇA DA USSIPA



Dizem que o Lago Niassa guarda segredos que o resto do mundo nem imagina. Mas para quem vive na sua margem, um dos segredos mais bonitos tem nome, tamanho e um ritmo próprio: chama-se Ussipa. Não é apenas um peixe; é um património natural que o lago decidiu entregar apenas a nós.

É fascinante observar a Ussipa pela lente da medida. Ela não cresce ao acaso; ela segue uma coreografia de polegadas que parece ditada pelas correntes do lago. Começa pela bonha, essa pequena maravilha de meia polegada, tão frágil e brilhante que parece um pedaço de luz solta na água. É a infância do cardume, a prova de que a vida, mesmo quando minúscula, é robusta e persistente.

Depois, numa metamorfose constante, ela ganha corpo. Uma polegada, duas, até chegar às cinco. É um ciclo que os pescadores conhecem de cor, um calendário vivo que marca as estações da nossa mesa e da nossa sobrevivência.

O mais extraordinário, porém, não é apenas o seu sabor ou a sua versatilidade na cozinha. É a sua exclusividade. A Ussipa não conhece outros horizontes; ela é um peixe endêmico, um habitante fiel do nosso Niassa. Ela é a prova de que a natureza, quando quer ser generosa, cria tesouros que não se multiplicam por aí, mas que florescem apenas onde as águas são profundas e antigas como as nossas.

Quando comemos Ussipa, seja ela a delicada bonha ou o exemplar de cinco polegadas, estamos a provar a própria essência do Niassa. É um privilégio que muitas vezes tomamos como garantido, mas que deveríamos guardar como a nossa maior riqueza. Afinal, quantas nações podem dizer que têm um património que cresce, brilha e alimenta o povo, tudo medido em polegadas, na palma da mão?

A Ussipa é, sem dúvida, o reflexo do nosso lago: pequeno no tamanho, mas imenso na grandeza.



ENTRE – VERSOS

O BECO ONDE NASCI

Helenio Nhenga
Escritor| Poeta

Nasci entre o vento e as ondas do Lago Niassa,
Na beira aprendi a primeira lição: paciência.

Cresci onde a cultura é vista sem pressa,
Onde a diversão é a sua essência,
Mas o indivíduo, cada dia, teima em menosprezar essa mesma
essência.

De lés a lés, carrego o nome de Metangula,
E a força do Lago,
Como quem guarda fogo em cabaça.

Para que a tradição não vire cinza,
E os hábitos do lago não percam a grandeza e a
graça.

Neste beco, quero que a juventude aprenda:
A vida não é um brinquedo.
É uma escola do Universo
Onde a cada verso se deixa um legado.



Anúncios e Apoios: 840565540/870291651

Vi mulher yao
Que levanta do chão
E dá colchão

Vi mulher nhanja
Que só esbanja
O que se arranja

Vi mulher macua
Distrito de Maúa
Linda como lua

Vi mulher sena
Contando a cena
Com muita pena

Vi mulher ronga
Cantando com Bonga
Uma música longa

Vi mulher changana
Expulsando sacana
Que sempre lhe engana

Vi mulher makonde
Quando responde
Algo esconde



Vi mulher chuabo
A fazer quiabo
Lá em Luabo

Vi mulher yao
Na minha região
Fazendo pão

Vi mulher yao
Trazendo feijão
Com muita gratidão

Vi a mulher yao
Cultivando melão
E exporta pra Milão

Vi mulher yao
De muita paixão
Até no Verão



MINHA BIO

HOMENAGEM AO FELICIANO DOS SANTOS: A VOZ QUE FEZ NIASSA CANTAR

Feliciano dos Santos nasceu em Lichinga, província do Niassa, a 9 de Junho de 1964. Filho de uma terra vasta e profunda, onde o Lago Niassa repousa como um espelho de memórias, cresceu entre os sons da natureza, as histórias do povo e os ritmos que, mais tarde, dariam sentido à sua missão de vida. Homem de múltiplos talentos, construiu uma sólida formação académica como Mestre em Gestão e Administração Escolar, sendo também licenciado em Ciências Sociais e Sociologia da Família e em Ensino de História. A sua vida tornou-se um encontro harmonioso entre conhecimento, arte e compromisso com a cultura moçambicana.

A arte nunca foi uma escolha; foi um dom que nasceu com ele. Muito antes de ser reconhecido como músico, Santos Calisto destacava-se no desenho, na pintura, no retrato, na publicidade artística e na escultura em pedra-sabão.



Criava porque precisava de transformar ideias em formas, emoções em cores e sonhos em expressão. Nos anos 80, iniciou a sua caminhada musical ao lado de Salvador Maurício, Laisse e José Manel, assumindo a bateria como extensão do próprio coração. Pouco depois integrou a lendária banda Niassa Star, com a qual percorreu diversas regiões do país, levando a identidade cultural do Niassa a novos públicos.

O caminho, porém, não foi feito apenas de vitórias. Depois de deixar a Niassa Star, passou cinco anos afastado dos palcos, trabalhando na rádio. Foi justamente nesse período que amadureceu a visão de criar uma banda que cantasse em língua local e traduzisse a alma do seu povo. Ao lado de Armando Catauala, esse sonho ganhou forma. A canção Kumalembe, gravada antes mesmo da fundação oficial dos Massukos, foi o primeiro sinal de uma história que parecia já estar escrita pelo destino.

Já em 1992, com a Banda Massukos, um projecto que se tornaria símbolo da valorização das línguas, dos ritmos e da cultura moçambicana. Numa época em que muitos viam a tradição como algo ultrapassado, Feliciano dos Santos acreditou que as raízes podiam dialogar com a modernidade. Em 1996, a banda realizou a sua primeira viagem à Maputo e, em 1998, representou Moçambique em Portugal, levando a riqueza cultural do Niassa além-fronteiras.

Os desafios foram muitos. O maior deles foi convencer as pessoas de que a música produzida no Norte tinha valor, de que as línguas locais possuíam beleza e dignidade e de que os artistas das regiões mais distantes mereciam os mesmos palcos e oportunidades. Para o embondeiro da música niassense, a escassez de instrumentos, apoios e infra-estruturas culturais, encontram o conforto que dita o verdadeiro segredo do sucesso: trabalho, disciplina e perseverança.

Num mundo cada vez mais dominado pela velocidade digital, o Embaixador da Cultura de Niassa, Feliciano dos Santos, continua a reinventar-se sem abandonar as suas origens.

Recentemente deu vida à Banda Unango, projecto que será oficialmente lançado

em Agosto deste ano e que reafirma a vitalidade artística do Niassa, provando que a cultura tradicional continua capaz de dialogar com as novas gerações. Para ele, a tecnologia muda, os estilos transformam-se, mas a autenticidade permanece, porque aquilo que nasce das raízes jamais desaparece.

Entre os momentos mais marcantes da sua carreira estão a gravação do primeiro álbum e a primeira grande actuação pública em Nampula. Foram experiências que lhe mostraram que a sua música ultrapassava fronteiras e que Niassa, muitas vezes "desconhecido" pelo restante país, começava a ser (des)coberto através da sua arte.

Apesar da sua inegável contribuição para a cultura moçambicana, o Líder dos Massukos, acredita que o seu trabalho é, muitas vezes, mais reconhecido fora da sua terra do que dentro dela. Essa realidade

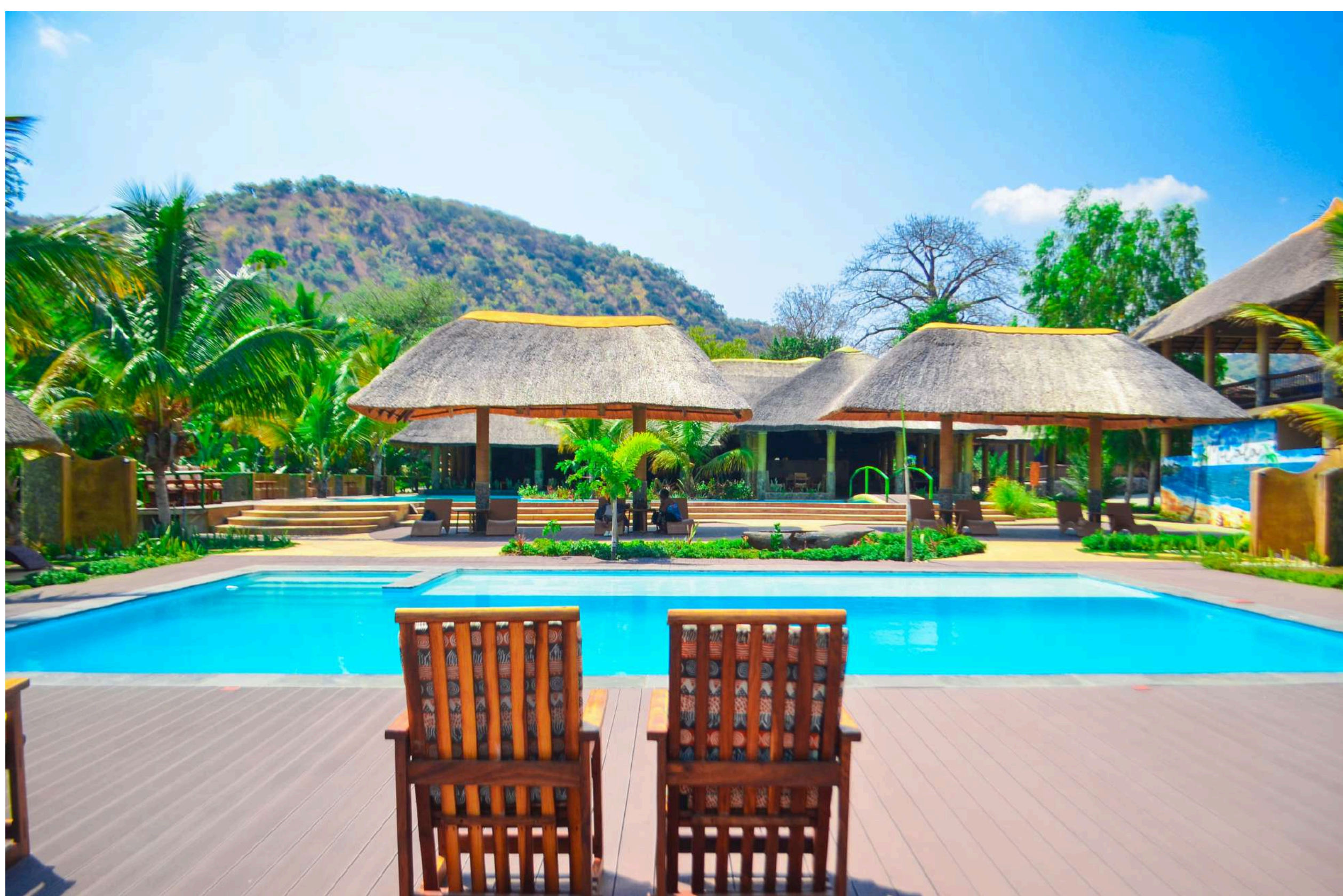
entristece-o, mas nunca diminuiu a sua determinação em continuar a promover a riqueza cultural do Niassa e a inspirar novas gerações de artistas a acreditarem no valor das suas origens.

O seu maior sonho permanece simples e, ao mesmo tempo, grandioso: continuar. Continuar a criar. Continuar a ensinar. Continuar a inspirar. Continuar a preservar. Continuar a música. Continuar a memória. Continuar a identidade do seu povo. Continuar e continuar... Feliciano dos Santos é muito mais do que um músico. É um guardião da cultura, um contador de histórias, um construtor de pontes entre gerações e um dos maiores embaixadores da identidade niassense. A sua voz fez Niassa cantar, e enquanto houver n'tolilo ou massukos para alimentar Niassa, os Massukos continuarão ecoando pelos grandes palcos do mundo, mesmo que através de outras vozes, outros percussionistas, outras enxadas, outros sons, outros ritmos, entre outros Outros.



TURISMO & LAZER

UMA VIAGEM NO BAIRRO MICALA



Naquela tarde, o sol chovia raios a velocidade dos ventos. Pintavam-se cabelos e faces de cores pouco habitual. As vestes e todos tectos andavam coloridos de presença natural. Na velocidade das águas, todas viagens tinham único destino.

Micala...

Entre aventureiros estranhos, a palidez e a pressa eram os únicos que os tornavam semelhantes. Entre abraços de intimidades, caçadores de self e pouse fotográfica abundam cada vez mais no local. Ambos viviam da luz que alimenta desejos e sonhos abandonados pelos bolsos. Durante a estadia no bairro Micala, a casa oferece gosto e um conforto que abraça todas presenças.

De olho nu, as mentes permanecem cruas para ver. Buscam inspiração de algo nunca antes visto.



Mas, o primeiro de todos sinais é a arte que se respira na madeira e outros adereços transformados de obras. Na dimensão do bairro Micala, artistas são exibidos como trofeus, conquistas como simples obras de arte, uma decoração pensada ao mínimo detalhe. Peças ousadamente espalhadas, pinturas que dão vida seres esquecidos na ignorância do tempo.

O simples aqui não morra órfão. Tem parentes e sombras de vida que amparam todo bairro. O cartão de visita e a porta de entrada. Não há paixão que não fala o idioma do Micala. Um encanto que transcende o magnífico dos embondeiros arquitectónicos de todas margens do Lago Niassa.

A cada sorriso, o som do lago reclama legitimidade do canto dos pássaros e a natureza. O maior e melhor abrigo para passageiros que outrora eram andarilhos sem destino. Mas naquele ninho encontraram sossego. Vestiram a natureza e banharam águas em copos vazios. Na geografia de um corpo há muito abandonado, Micala encontrou seu espaço. Fez se Lodge e hoje abraça a natureza.

